

Espalhando saber por todo o DF

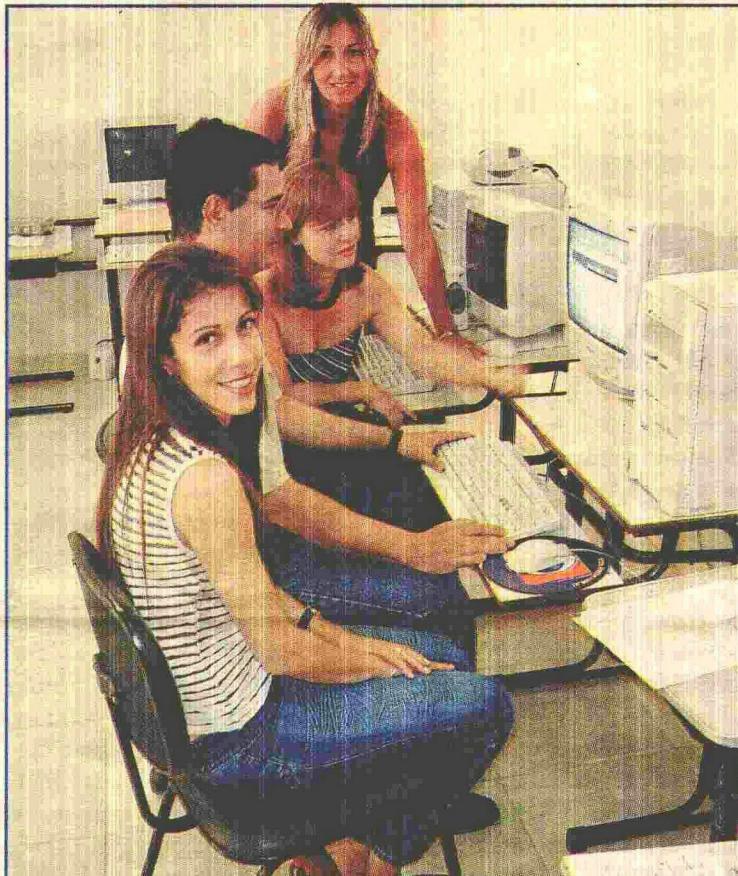
Educação sem Fronteiras leva o ensino para o computador

Em 1976, confecções e calçados ocupavam o tempo de Geraldo Camargo. Representante comercial, ele fazia as vezes de andarilho, viajando pelo Brasil para vender os produtos. Andava tanto que não podia se fixar em uma escola e concluir o primeiro ano do Ensino Médio. "O dinheiro foi chegando e achei melhor interromper os estudos. Não era possível parar numa escola", lembra.

Pouco depois, o mineiro de Patos de Minas tornou-se militar, mudou-se para Brasília e se casou. Os filhos nasceram, o trabalho no Exército se consolidou e o desejo de voltar a estudar foi adiado. Até o início deste ano, quando, em um dos corriqueiros acessos à internet, descobriu o *Educação sem Fronteiras*, da Coordenadoria de Educação a Distância (Cead). "Estava navegando pelo site da Secretaria de Educação e li. Conversei com minha esposa e decidi me matricular", conta o militar, de 46 anos.

Criado em julho de 2004 e lançado em junho pela Secretaria de Educação, o programa de educação à distância tem potencial de 1320 vagas para jovens e adultos que não concluíram o Ensino Médio. "O projeto foi criado porque percebíamos que muitos alunos jovens e adultos ficavam retidos na escola, ou seja, faziam as provas e não passavam", explica a psicóloga Sandra Brant, uma das coordenadoras.

A grade curricular do *Educação sem Fronteiras* funciona da mesma maneira que o ensino convencional. O curso é dividido em três módulos, relativos aos primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio, e oferece 11 disciplinas, batizadas de componentes curriculares. Os alunos podem estudar, no máximo, quatro componentes ao mesmo tempo. Geraldo, por exem-



Geraldo Camargo e as orientadoras do *Educação sem Fronteiras*

plo, escolheu Português, Matemática, Sociologia e Filosofia, do segundo módulo. "Se o aluno for dedicado e disciplinado, pode concluir os três módulos em um ano e meio", informa Sandra.

A sede do programa, chamada de Central de Tutoria, fica no Centro de Ensino Supletivo da Asa Sul (Cesas), na 602 Sul. Para se matricular, o aluno deve apresentar dados pessoais e escolares. "A cada início de módulo, o estudante tem duas aulas presenciais: uma palestra com as coordenadoras, para saber o que é o ensino a distância, e outra com o corpo docente, para se informar sobre as aulas", explica a professora de Filosofia Maysa Or-

nelas, mestre em educação pela UnB. Segundo ela, as provas são obrigatoriamente na Central de Tutoria.

Atualmente, 240 alunos, a maioria entre 30 e 40 anos, fazem parte do programa. Dados da Cead pesquisados em agosto apontam que 67% dos estudantes têm acesso à internet em casa. A sondagem mostra, ainda, que 45% acessam o curso em casa, 15%, no trabalho, 20% em casa e no trabalho, 10% em escolas-pólo e outros 10% em outros locais.

As escolas-pólo são espaços destinados aos estudantes que não têm acesso fácil à internet. A Secretaria de Educação disponibiliza 23 escolas-pólo, distribuídas em 12 regiões administrativas. Em cada

uma delas, há uma sala equipada com computadores.

ACOMPANHAMENTO - Caso o estudante queira conversar pessoalmente com o professor ou fazer pesquisas em livros, pode comparecer à Central de Tutoria, no Cesas. Na sala, há uma biblioteca e os professores ficam disponíveis para atendimento oito horas por dia, de segunda a sexta.

"A distância é só geográfica, não física. Há interação entre os alunos e os professores. Eles podem ir à central, telefonar e participar do fórum", afirma a professora Maysa, referindo-se ao fórum de discussão na página do programa. Por meio do recurso, que pode ser utilizado a qualquer momento, os alunos tiram dúvidas e conversam entre si e com os orientadores.

Apesar de o curso ser à distância, os alunos da primeira turma do *Educação sem Fronteiras*, que iniciaram os estudos em agosto, se conhecem e, segundo os professores, são bastante unidos. "A aprendizagem só se dá pela afetividade. Os alunos se ajudam e o curso aumentou a auto-estima deles", avalia a professora de Sociologia Cláudia Basso, mestre em Educação pela UnB.

A afirmação de Cláudia é comprovada quando se observa o comportamento de Geraldo. De terça a sábado, o estudante separa quatro horas diárias para estudar. "Montei um cronograma que sempre sigo", conta. Quando terminar o curso, o militar pretende fazer vestibular para Ciências Contábeis na UnB. "Eu me sinto como numa corrida em que todo mundo já largou e eu, não. Dei a largada quando entrei no programa e acho que ainda dá tempo de chegar com os outros", diz, animado.